

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

(Organizador)

A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S678	A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-535-8 DOI 10.22533/at.ed.358191408 1. Ciências sociais. 2. Comportamento humano. 3. Desenvolvimento humano. 4 Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. CDD 300
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A **Sociologia e as questões impostas ao desenvolvimento humano**, coletânea de dezoito capítulos de pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute o desenvolvimento humano e seus desdobramentos por meio da sociologia.

Partindo para as temáticas impressas nos capítulos aqui reunidos, temos desde contribuição que versa sobre o pensamento de Weber, passando por cultura e tradução e alcançando análises sobre literatura, língua, linguagem, discurso, regionalismo e nacionalidade. As relações sociais também encontram espaço na presente obra a partir da figura do casamento, bem como da relevância da dança como recurso para o ensino infantil.

Permanecendo nos discursos, mas agora na denúncia de abusos, decorrentes do não reconhecimento das outridades, há colaborações que evidenciam a violência perpetrada por meio de práticas machistas, da exploração de crianças devido a invisibilidade social e da denúncia ao assédio sofrido. O papel da mulher no espaço público, notadamente no cenário político, é apresentado como condição de autonomia feminina que, movida pelos seus interesses, pelo seu querer, dita as regras de suas ações, de sua vida.

Convidamos a todos a experimentar as leituras deste volume que é composto pelas seguintes participações:

- **MAX WEBER FRAGMENTADO: ANÁLISE SOBRE A IMPORTAÇÃO SECCIONADA DE IDEIAS INTELECTUAIS**, de Márcio José Rosa de Carvalho;
- **CULTURA E TRADUÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA**, de Paulo Gerson Rodrigues Stefanello;
- **COMPREENDENDO O OLHAR DO USUÁRIO SOBRE A LÍNGUA: MITOS IDEOLOGICAMENTE E CULTURALMENTE SITUADOS**, de Maressa de Jesus Evangelista e Glória Dias Soares Vitorino;
- **MÍDIA, LINGUAGEM E EXCLUSÃO: A DESIGUALDADE SOCIAL POR MEIO DA PREDILEÇÃO DE USOS LINGUÍSTICOS**, de Danúbia Aline Silva Sampaio e Jairo Venício Carvalhais Oliveira;
- **DESIGUALDADE E CIÊNCIA: O DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS**, de Carla Andréia Schneider e Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti;
- **DISCURSO JORNALÍSTICO E DESIGUALDADE SOCIAL: CONTEXTOS E IMPLÍCITOS EM EXPRESSÕES MULTIMODAIS DE TEXTOS JORNALÍSTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESCÂNDALO**, de Deborah Gomes de Paula e Regina Célia Pagliuchi da Silveira;
- **NÃO SOMOS RACISTAS: A NEGAÇÃO DO RACISMO NO DISCURSO DA MÍDIA CORPORATIVA BRASILEIRA**, de Daniele de Oliveira;
- **O RELATOR E A ENCENAÇÃO DO MÚLTIPLO: ANÁLISE DOS ATORES**

DISCURSIVOS E DA GESTÃO DOS SEUS PONTOS DE VISTA NO DISCURSO JURÍDICO, de Adriana do Carmo Figueiredo;

- **CONTORNOS DE UMA VIDA A PARTIR DE UM DISCURSO DE POSSE**, de Pollyanna Júnia Fernandes Maia Reis;
- **O CORPO EM ESTADO DE POESIA: A APREENSÃO CORPORAL DAS LINGUAGENS POÉTICAS**, de Olga Valeska Soares Coelho;
- **LITERATURA EM QUADRINHOS: CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSONAGEM “DESEJO”, DE NEIL GAIMAN**, de Carolina Casarin Paes;
- **A TURMA CAIPITA DE CORNÉLIO PIRES: REGIONALIDADES E MÚSICA CAIPIRA NO DEBATE DA NACIONALIDADE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**, de Lays Matias Mazoti Corrêa;
- **CASAMENTO NO SÉCULO XXI: RELEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**, de Laís Marina de Souza;
- **A DANÇA COMO RECURSO DIDÁTICO PSICOMOTOR PARA O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO CRIATIVA E DA DESCOBERTA DO CORPO NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**, por Carlos Alexandre Borges de Lima e Maria do Perpétuo Socorro Bandeira Moraes;
- **RELATOS DE VIVÊNCIAS MACHISTAS**, por Loriane Trombini Frick, Bruno Barbosa de Souza, Leidyane Tiberio Neves, Karianny Aparecida Gerotto del Mouro, Alysson Mateus Rabelo Kiessow, Ígor Prochnow e Joyce Coldebella;
- **POLÍTICA SOCIAL, DIREITOS E CIDADANIA NO CAPITALISMO: (IN) VISIBILIDADE SOCIAL DA EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA REGIÃO METROPOLITANA DE CUIABÁ-MT**, por Leila Chaban;
- **#PRIMEIROASSÉDIO: AS CICATRIZES DO SEXO IMPOSTO EXPOSTAS NAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA DE COMBATE AO ESTUPRO**, por Magall Simone de Oliveira; e
- **RECRUTAMENTO E CARREIRAS POLÍTICAS EM SERGIPE: LUGAR DE MULHER É NA POLÍTICA**, por Vanderson de Gois Santos.

Tenham excelentes diálogos!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MAX WEBER FRAGMENTADO: ANÁLISE SOBRE A IMPORTAÇÃO SECIONADA DE IDEIAS INTELECTUAIS	
Márcio José Rosa de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.3581914081	
CAPÍTULO 2	16
CULTURA E TRADUÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA	
Paulo Gerson Rodrigues Stefanello	
DOI 10.22533/at.ed.3581914082	
CAPÍTULO 3	24
COMPREENDENDO O OLHAR DO USUÁRIO SOBRE A LÍNGUA: MITOS IDEOLOGICAMENTE E CULTURALMENTE SITUADOS	
Maressa de Jesus Evangelista Glória Dias Soares Vitorino	
DOI 10.22533/at.ed.3581914083	
CAPÍTULO 4	36
MÍDIA, LINGUAGEM E EXCLUSÃO: A DESIGUALDADE SOCIAL POR MEIO DA PREDILEÇÃO DE USOS LINGUÍSTICOS	
Danúbia Aline Silva Sampaio Jairo Venício Carvalhais Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3581914084	
CAPÍTULO 5	52
DESIGUALDADE E CIÊNCIA: O DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS	
Carla Andréia Schneider Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti	
DOI 10.22533/at.ed.3581914085	
CAPÍTULO 6	64
DISCURSO JORNALÍSTICO E DESIGUALDADE SOCIAL: CONTEXTOS E IMPLÍCITOS EM EXPRESSÕES MULTIMODAIS DE TEXTOS JORNALÍSTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESCÂNDALO	
Deborah Gomes de Paula Regina Célia Pagliuchi da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.3581914086	
CAPÍTULO 7	76
NÃO SOMOS RACISTAS: A NEGAÇÃO DO RACISMO NO DISCURSO DA MÍDIA CORPORATIVA BRASILEIRA	
Daniele de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3581914087	

CAPÍTULO 8	88
O RELATOR E A ENCENAÇÃO DO MÚLTIPLO: ANÁLISE DOS ATORES DISCURSIVOS E DA GESTÃO DOS SEUS PONTOS DE VISTA NO DISCURSO JURÍDICO	
<i>Adriana do Carmo Figueiredo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3581914088	
CAPÍTULO 9	101
CONTORNOS DE UMA VIDA A PARTIR DE UM DISCURSO DE POSSE	
<i>Pollyanna Júnia Fernandes Maia Reis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3581914089	
CAPÍTULO 10	110
O CORPO EM ESTADO DE POESIA: A APREENSÃO CORPORAL DAS LINGUAGENS POÉTICAS	
<i>Olga Valeska Soares Coelho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35819140810	
CAPÍTULO 11	118
LITERATURA EM QUADRINHOS: CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSONAGEM “DESEJO”, DE NEIL GAIMAN	
<i>Carolina Casarin Paes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35819140811	
CAPÍTULO 12	128
A TURMA CAIPIRA DE CORNÉLIO PIRES: REGIONALIDADES E MÚSICA CAIPIRA NO DEBATE DA NACIONALIDADE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
<i>Lays Matias Mazoti Corrêa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35819140812	
CAPÍTULO 13	142
CASAMENTO NO SÉCULO XXI: RELEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	
<i>Laís Marina de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35819140813	
CAPÍTULO 14	153
A DANÇA COMO RECURSO DIDÁTICO PSICOMOTOR PARA O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO CRIATIVA E DA DESCOBERTA DO CORPO NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Carlos Alexandre Borges de Lima</i>	
<i>Maria do Perpetuo Socorro Bandeira Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35819140814	
CAPÍTULO 15	165
RELATOS DE VIVÊNCIAS MACHISTAS	
<i>Loriane Trombini Frick</i>	
<i>Bruno Barbosa de Souza</i>	
<i>Leidyane Tiberio Neves</i>	
<i>Karianny Aparecida Gerotto del Mouro</i>	
<i>Alysson Mateus Rabelo Kiessow</i>	
<i>Ígor Prochnow</i>	
<i>Joyce Coldebella</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35819140815	

CAPÍTULO 16	179
POLITICA SOCIAL, DIREITOS E CIDADANIA NO CAPITALISMO: (IN)VISIBILIDADE SOCIAL DA EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA REGIÃO METROPOLITANA DE CUIABÁ-MT	
Leila Chaban	
DOI 10.22533/at.ed.35819140816	
CAPÍTULO 17	193
#PRIMEIROASSÉDIO: AS CICATRIZES DO SEXO IMPOSTO EXPOSTAS NAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA DE COMBATE AO ESTUPRO	
Magali Simone de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.35819140817	
CAPÍTULO 18	209
RECRUTAMENTO E CARREIRAS POLÍTICAS EM SERGIPE: LUGAR DE MULHER É NA POLÍTICA	
Vanderson de Gois Santos	
DOI 10.22533/at.ed.35819140818	
SOBRE O ORGANIZADOR	224
ÍNDICE REMISSIVO	225

CULTURA E TRADUÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA

Paulo Gerson Rodrigues Stefanello

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Dourados/MS

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir a relação que se instaura entre o fenômeno tradutório e a cultura. A teoria da semiosfera (LOTMAN, 1996), difundida pelos postulados da semiótica de linha russa, é creditada como imprescindível para perceber as fronteiras que delineiam os discursos que caracterizam os contatos culturais. Nessa perspectiva, entende-se a tradução como uma atividade constante e responsável pela simbolização e representação das formas de estar no mundo, isto é, de todas as práticas sociais que caracterizam e configuram nossos processos de significação.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; fronteira; representação; semiosfera; tradução.

ABSTRACT: This work aims to discuss the relationship between the translational phenomenon and the culture. The semiosphere theory (LOTMAN, 1996), disseminated by the postulates of Russian-line semiotics, is credited as essential to perceive the borders outlining the discourses which characterize cultural contacts.

In this perspective, translation is understood as a constant and responsible activity for the symbolization and representation of the ways of being in the world, that is, of all social practices that characterize and configure our processes of signification.

KEYWORDS: Border; culture; representation; semiosphere, translation.

INTRODUÇÃO

A imprescindibilidade do *outro* constitui a condição de sujeito social do eu, haja vista que o primeiro é tão imprescindível quanto o eu para a minha condição de sujeito social (BAKHTIN, 2006 [1929]). A lógica bakhtiniana aponta para a alteração do sujeito a partir da interação, no momento em que ele próprio é constituído.

Ao considerar o processo de interação pela linguagem, mesmo que para além de um sistema linguístico estruturado, não dominado por um ser humano recém-nascido, por exemplo, que, mesmo assim, não deixa de se comunicar, o filósofo português Miguel Pereira (2003, p. 3) infere que “o berço iniciou a abertura do mundo dos homens”, vinculando a necessidade de interação ao fenômeno da globalização, amplamente compreendida, dessa forma, como a questão de ser-no-mundo-com-outros, opondo-se à visão nascida da tecnicidade.

Ainda para Pereira (idem, p. 34), o dialogismo é essencial à globalização, num sentido humanizado do termo, reiterando a necessidade da interação de modo dialógico, pois “só aprofundando o que somos, podemos dar ao outro o melhor de nós, sem imposição nem submissão”. Não fosse assim, com a insistência em uma globalização de imposição de modelos de civilização, o resultado seria a perda de costumes desconhecidos ou não compreendidos.

Dessa maneira, o presente trabalho, que compreende parte da teorização que se propôs ao longo de minha tese de doutorado (STEFANELLO, 2018), promove uma discussão a respeito do fenômeno tradutório como elemento inerente à condição humana e cultural, a partir das contribuições da Semiótica da Cultura, de forma a vislumbrar sua indissociabilidade das práticas sociais.

Particularmente neste texto, optou-se por não organizá-lo em subdivisões. O leitor acompanhará toda a discussão ora proposta em um item temático único. Tal decisão na produção do trabalho repousa na percepção de que todas as noções aqui mobilizadas estão imbricadas e constituem um todo de sentidos.

CULTURA E SEMIOSFERA

A semiótica de vertente russa, conhecida como Semiótica Da Cultura, advinda da Escola de Tártu-Moscou (doravante ETM), mostra-se relevante às questões de pesquisa, em especial porque propõe a teoria da *semiosfera*, tratando fenômenos culturais como acontecimentos dependentes de um espaço fortemente semiótico.

Lotman e Uspenskij (1981) propõem que a cultura, em sua totalidade, está imersa em um espaço semiótico e descontínuo, e os temas a ela relacionados somente funcionam quando há interação com esse contexto. Os pesquisadores da ETM e Lotman, o mais influente entre eles, consideram a cultura, de uma maneira bastante ampla, como linguagem, e a pertinência dessa compreensão repousa na relação *cultura X expressão*, ora, a cultura só se constitui a partir dos fenômenos de expressão dos membros de uma comunidade num espaço reservado ao funcionamento de signos (LOTMAN; USPENSKIJ, 1981), expressão que se manifesta nas mais diversas formas: a arte, a religião, as leis que regem a própria comunidade, a arquitetura, a literatura, a ciência, as interações dentro desse contexto, enfim, tudo o que está regido por um sistema linguístico. É uma memória não-genética, a qual passa por transformações à medida que se transformam as necessidades da comunidade.

A esse espaço de funcionamento sígnico, em artigo homônimo datado de 1984, Lotman denomina *semiosfera*. Contudo, a complexidade desse conceito provém de outro com maior dimensão no processo de evolução do universo, a biosfera, conceituada pelo biogeoquímico russo-ucraniano Vladimir Ivanovich Vernadski (1929) como uma película única, existente na geosfera (o primeiro estágio de evolução do universo) com o propósito de conservar toda a matéria viva a partir da conversão da energia do sol em energia química e física. Vida conservada, Vernadski teorizou,

ainda, a possibilidade da existência de um terceiro estágio de evolução universal: a noosfera, a princípio, o espaço integrador do pensamento racional, das ideias humanas e, conseqüentemente, da consciência humana. Izzo (2009, p. 3) aponta a noosfera como o espaço onde se constituem as “ideias gerais acerca da vida engendrada pela coletividade e pelo indivíduo. Tais ideias são intrínsecas ao homem, que cria individualmente e coletivamente imagens, conceitos, seres imaginários, mitos e significados”. Nesse plano, institui-se a cultura, e de acordo com Henn (2010), Lotman propõe a existência da semiosfera, que confere materialidade ao ambiente conforme a cultura se manifesta em textos ou em sistemas sígnicos. É possível compreender a semiosfera, portanto, como um espaço em que texto e contexto são inseparáveis e interdependentes. A semiose, portanto, só pode ocorrer dentro desse espaço, tal como a vida só ocorre dentro da biosfera.

Teóricos da cultura, Homi Bhabha e Stuart Hall se posicionam frente às discussões acerca do hibridismo cultural e da necessidade inerente da tradução em contextos híbridos.

Bhabha (2010), fundamentando seus estudos na relação colonizador e colonizado, propõe o hibridismo como se tratando de um processo agonístico e antagonístico, que só é determinado pelo caráter tensional da diferenciação cultural. O autor situa um discurso hegemônico sendo subvertido pelo discurso do colonizado, que faz questão que suas diferenças culturais em relação ao colonizador sejam consideradas, concretizando, assim, um discurso híbrido.

No entanto, sob o ponto de vista do autor, o hibridismo não deve ser encarado como um novo item, que surge ao passo que duas culturas compartilhem de um mesmo contexto espacial, por exemplo, em que ambas devessem passar por um processo de adaptação e conseqüente ressignificação, sem que houvesse qualquer embate.

Hall (2011, p. 88-89), por sua vez, vincula o hibridismo não aos indivíduos de uma ou mais culturas, mas ao processo de tradução cultural por que passam o tempo todo, isto é, uma negociação entre novas e antigas matrizes culturais, que limita os indivíduos a uma cultura que não os assimila, mas que, em contrapartida, esses indivíduos não perdem suas identidades por completo, de modo que precisam articular e dialogar com duas realidades, gerando um processo de embate cultural e, com ele, novas formas de significação que se opõem a suas características identitárias e motivam uma crise.

Laraia (2004) reúne em sua obra *Cultura: um conceito antropológico*, concepções de cultura que partem dos estudos antropológicos, que auxiliam a compreensão geral sobre o desenvolvimento do conceito de cultura, sobretudo com o amadurecimento e a consolidação das pesquisas etnográficas que têm se voltado para o todo complexo das sociedades contemporâneas.

O autor compreende o determinismo geográfico como uma vertente que se manteve por muito tempo servindo de explicação para a variedade cultural existente nas sociedades, que a viabilizava hierarquiza-las como mais ou menos desenvolvidas em relação a outras. Só a partir da década de 1920 essa abordagem passa por

transformações, reconhecendo a importância do processo histórico das culturas, e concebendo-o como um processo constante de reconstrução. Menciona, Laraia, ainda, a dinamicidade do pensamento de Franz Boas no tocante ao particularismo histórico, inferindo que “cada cultura segue seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou” (LARAIA, 2004, p. 36)

Levi-Strauss é trazido para a apresentação laraiana, demonstrando enxergar que “a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma” (LARAIA, 2004, p.54), enquanto Leslie White, ao tratar o fenômeno da cultura como exclusividade do homem, “considera que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do homem foi capaz de gerar símbolos” (*ibidem*, p. 55).

Importa notar que, apesar de definições já consolidadas na Antropologia, Laraia realça a dificuldade em conceituar a cultura, uma vez que ela é dinâmica, móvel, sem estaticidade, o que lhe admite mudanças contínuas com o avanço dos tempos, e chama atenção para dois tipos convencionais dessas mudanças culturais: “uma, que é resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda, que é resultado do contato de um sistema cultural com outro” (*idem*, p. 98). Agregando dinamicidade, admite-se que há influências externas, portanto, de umas culturas sobre outras, o que não leva à compreensão de tal característica como algo negativo, depreciativo, mas pelo contrário, à aceitação, a partir dessa gama de influências que reconstrói a cultura a todo momento, e conseqüentemente as identidades a ela vinculadas, que a etnicidade se constitui nesse processo de interferência e de reconstrução cultural.

Em alusão às abordagens desenvolvidas por Lotman a partir da teoria da semiosfera, questões concernentes ao hibridismo cultural e ao papel da tradução como parte integradora do processo de compreensão de uma dada mensagem, no qual inscrevem-se ambos, receptor e emissor desta, tornam-se fundamentais para a perspectiva desenvolvida neste trabalho.

A noção de fronteira é relevante também para o ponto de vista de Bhabha. No início de sua renomada obra *O local da cultura*, o autor cita Martin Heidegger quando atesta que “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual, algo começa a se fazer presente” (BHABHA, 2010, p.19). E como conseqüência dessa concepção, tudo o que atravessa uma fronteira teria um impacto imprevisível, possibilitando que o diálogo intercultural ocorresse pacificamente ou tensionado por um embate cultural gigantesco.

No bojo dessa discussão, é da máxima importância observar que a semiosfera lotmaniana divide-se em núcleo e periferia (LOTMAN, 1996), sendo que no primeiro se manifesta a essência dos sistemas semióticos. No entanto, à medida que um dado sistema atravessa os limites do núcleo de uma semiosfera *a*, saindo em direção às periferias de outra semiosfera *b*, tem-se um outro espaço em que aqueles signos que constavam em *a* não mais tenham a mesma carga de significados.

Para o teórico, isso significa que há um conjunto de pontos concomitantemente

pertencentes ao interior e ao exterior da semiosfera. Essa fronteira é o espaço de maior tensionamento na semiosfera, pois é o espaço onde ocorre a tradução de um mundo para o outro (interior e exterior).

Osimo (2008) assegura que a noção de fronteira é o que constrói a necessidade da tradução. “Onde não há fronteiras, não há necessidade de tradução” (p. 29). A função da fronteira, conforme sua concepção, é a de filtrar o que acessa o espaço semiótico. Ela serve como um mecanismo que garante

uma distinção entre o próprio e o alheio; um filtro das comunicações externas e sua tradução para a própria língua, assim como a transformação da não-comunicação externa em comunicação, ou seja, a semiotização do que provém de fora e sua transformação em informação. Segundo este ponto de vista, todos os mecanismos de tradução a serviço dos contatos com o exterior pertencem à estrutura da semiosfera. (OSIMO, 2008, p. 29).

Tendo o conhecimento de que a semiose só pode acontecer em um espaço específico, cria-se, automaticamente, uma oposição entre o que está dentro e o que está fora desse sistema de significação. Toda atividade humana se consagra na diferença espacial que fazemos do próprio e do alheio e na tradução dos vínculos sociais que matemos com o próprio ao alheio (*ibidem*). Nesse sentido, Lotman atribui dois traços distintivos e caros à semiosfera: o caráter delimitado e a irregularidade semiótica. O primeiro equivale “a determinada homogeneidade e individualidade semióticas” (LOTMAN, 1996, p. 24), quer dizer, há alguma coerência do que se inscreve na semiosfera, tornando-se possível, assim, relacionar o que está dentro e fora de seu espaço operativo.

Não obstante, ao tomar em consideração seus limites, sua fronteira, a semiosfera pode estipular relação entre seus elementos internos, bem como entre todo texto encontrado fora dela. É na fronteira que ocorre a tradução do sistêmico (semiótico) com o extrassistêmico (extrassemiótico), é nela que há certa mediação entre a semiosfera e os textos culturais externos, e nunca exclusivamente dentro de uma mesma semiosfera já constituída.

No que respeita ao aspecto tradutório existente na semiosfera, Lotman explica que

a fronteira semiótica é a soma dos tradutores – “filtros” bilíngues passando através dos quais um texto se traduz a outra linguagem (ou linguagens) que se encontre fora da semiosfera dada. O “caráter fechado” da semiosfera se manifesta em que esta não pode estar em contato com os textos alossemióticos ou com os não-textos. Para que estes adquiram realidade para ela, é indispensável traduzi-los a uma das linguagens de seu espaço interno ou semiotizar os fatos não-semióticos. Assim pois, os pontos da fronteira podem ser equiparados aos receptores sensoriais que traduzem os estímulos externos à linguagem de nosso sistema nervoso, ou aos blocos de tradução que adaptam a uma determinada esfera semiótica o mundo exterior respectivo a ela (LOTMAN, 1996, p. 24-25).

Os mecanismos de tradução não necessariamente se manifestam de maneira única no espaço entre a semiosfera e o extrassistêmico. Lotman (1996, p. 30) alerta ainda para a possibilidade de divisão em níveis do todo semiótico, ou seja, “a divisão em núcleo e periferia é uma lei da organização interna da semiosfera³”, assim chegando ao que denomina de subsemiosfera, termo será de grande valia para a interpretação dos dados em momento mais à frente. Pode-se dizer que há tanto um diálogo como algo de distinto entre as fronteiras internas da semiosfera, mas que é o todo semiótico que responde pela existência da esfera, uma vez que se reflete em todas as subsemiosferas, conforme descreve:

todos os níveis da semiosfera – desde a pessoa do homem ou do texto isolado até as unidades semióticas globais – representam semiosferas como se postas uma dentro da outra, cada uma delas é, por sua vez, tanto o participante do diálogo (uma parte da semiosfera) como o espaço do diálogo (o todo da semiosfera) (LOTMAN, 1996, p. 42).

Entende-se, a partir dessa concepção, que todo fato não constante de descrição pertence ao mundo extrassemiótico, devendo ser traduzido para um código específico, a fim de receber sentido para além de sua individualidade. Assim contextualizado, pode-se confirmar a importância do papel do tradutor ao lidar com as essências culturais do processo de comunicação.

Roman Jakobson, um dos precursores da ETM, em seu texto *Aspectos Linguísticos da Tradução*, publicado originalmente em 1959 e posteriormente, no Brasil, constante do volume *Linguística e Comunicação*, já trazia postulações de Jakobson para o escopo teórico-metodológico desenvolvido por Lotman. Na ocasião desse texto, o autor definiu três diferentes categorias de tradução de signos linguísticos: 1) a tradução intralingual, que admite que qualquer usuário de um sistema linguístico proposto a passar pelo fenômeno da tradução, possa fazê-lo, e só o possa por meio dessas três possibilidades, ou seja, vai traduzir um dado conceito por meio de elementos existentes na própria língua; 2) a tradução interlingual, possivelmente aquela que remete a um conceito mais convencional de tradução, que compreende a construção equivalente de dada expressão de uma língua para outra; 3) a tradução inter-semiótica, que pode traduzir uma linguagem verbal em outra linguagem (JAKOBSON, 2007[1959], p. 64-65).

Com base nessas características, pode-se inferir que, a partir da noção de tradução, o significado para Jakobson está mais para um fato linguístico e semiótico do que para as relações gramaticas existentes de uma língua, contudo, a ideia de tradução para Lotman não está limitada às três categorias jakobsonianas.

Ao passo que Jakobson concatena uma abordagem semiótica da comunicação, Lotman o faz no sentido de uma semiótica da cultura, na qual a comunicação é manifestada por variados sistemas culturais responsáveis pela produção de signos, pois é a cultura o espaço semiótico “fora do qual nem a comunicação nem a semiose são possíveis” (LOTMAN, 1996, p. 24), funcionando, então, como um conjunto de

textos inscritos em diferentes linguagens.

É seguindo por essa linha de pensamento que a Semiótica da Cultura concebe o texto como um todo constituído por subtextos que se inter-relacionam, tornando-se híbridos em de seu sistema funcional.

Lotman (1998) apresenta três funções textuais: 1) a função comunicativa, em que a linguagem articula a transmissão da mensagem entre emissor e receptor em um espaço em que pode haver ruído, transformação de mensagem, posto que não se trata de uma linguagem artificial; 2) a função geradora de sentidos, que admite a heterogeneidade do texto que manifesta linguagens distintas, adquirindo caráter poliglota e, portanto, justifica a geração de sentidos, pois “se no primeiro caso, toda mudança de sentido no processo de transmissão é um erro e uma desfiguração, no segundo ela se converte em um mecanismo de geração de novos sentidos” (*ibidem*, p. 88); 3) a função mnemônica, que diz respeito à memória cultural, capaz de atribuir autonomia a símbolos de um texto, permitindo-os transitar com alguma carga de significação entre distintas estruturas, como explica o autor: o símbolo separado atua como um texto separado que se transporta livremente no campo cronológico da cultura e que cada vez mais se correlaciona de uma maneira complexa com os cortes sincrônicos da cultura, mas também na diacronia desta” (*ibidem*, 1998, p. 89).

A partir dessas abordagens, parece improvável, por exemplo, deixarmos de refletir sobre as práticas de leitura e de produção textual como modos de ler e agir no mundo, admitindo, para isso, não apenas a influência da cultura sobre nós, mas sua determinância em nossa construção como sujeitos sociais e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse texto, com amparo nas questões que envolvem e que se desenrolam a partir da teoria lotmaniana da, esperou-se que a fundamentação ora mobilizada realce a complexidade de nossas práticas sociais.

O campo dos Estudos do Letramento, por exemplo, ao qual será dado ênfase em trabalho posterior, assumindo, sobretudo, as abordagens de Street (1984; 2003), já trazem no cerne de suas contribuições a ideia de práticas de leitura e escrita situadas não convém ser reduzidas a textos graficamente produzidos, mas a todo um conjunto de compreensões derivadas da cultura de inserção dos sujeitos e do contato com outras culturas, o que concretiza a interlocução. À medida que se transforma a cultura que determina nossa leitura e nossa produção, nós nos transformamos e transformamos nossa prática tradutória.

Nessa esteira, igualmente não nos convém reduzir qualquer compreensão acerca da noção de texto. Ela é, provavelmente, uma das mais conflitantes nos dias atuais, devido à sua dimensão ser ressignificada constantemente, de modo que nos aproximamos da borda que se perfaz entre o *texto* e o *tudo*, haja vista que toda leitura e toda produção humanas não são menos do que produtos que se constituem a partir de todas as experiências ao longo da vida, e são passíveis de transformação a todo

tempo, ao passo que reconhecemos que o produto pode estar, sempre, inacabado – em processo.

Em contrapartida, contudo, não parece razoável, do ponto de vista teórico-acadêmico, unirmos essas duas expressões (texto e tudo) sem qualquer ponderação. Isso nos levaria ao caos, pois traria luz à afirmação de que tudo é texto, bem como este trabalho defende, e de que texto é tudo, o que não faz sentido.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929]

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

HENN, Ronaldo. Memória e arte na semiosfera midiaticizada. In: **Conexão – Comunicação e Cultura**. ICC, Caxias do Sul, v. 9, n. 18, jul/dez 2010, p. 103-115.

IZZO, João Artur. **Noosfera e midiosfera**: o imaginário humano e o engenho da mídia. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação – BOCC. Rio de Janeiro: UFF, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-noosfera-joao.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2007.

LARAIA, Roque de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 17.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LOTMAN, Iuri. **La Semiosfera I**. Trad. Desidério Navarro. Madri: Catedra, 1996.

_____. e USPENSKIJ, Boris. **Ensaio de Semiótica Soviética**. Trad. V. Navas e S. T. de Menezes. Lisboa: Horizonte, 1981.

OSIMO, B. **Logos group**: curso de Tradução, Modena. 2008. Disponível em: <http://courses.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.cap_1_28?lang=bp>. Acesso em: 20 jan. 2016.

PEREIRA, Miguel Baptista. Alteridade, linguagem e globalização. **Revista Filosófica de Coimbra**, vol. 12, n. 23, 2003.

STEFANELLO, Paulo Gerson Rodrigues. **Práticas de letramento na Terra Indígena de Dourados/MS**: um olhar sobre a circulação dos discursos. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, 2018.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: CUP, 1984.

_____. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**. Londres, 2003, vol. 5, n.2.

SOBRE O ORGANIZADOR

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos - Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista *ad hoc* de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0002-5472-8879. E-mail: <awsvasconcelos@gmail.com>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 23

Assédio 193

C

Casamento 151

Científico 224

Criança 60, 180, 183, 188, 191, 192, 202

Cultura 11, 16, 17, 18, 22, 23, 120, 127, 141, 192, 206, 222, 224

D

Dança 8, 110, 111, 153, 155, 162, 163, 164

Desenvolvimento 2, 8, 153, 164, 224, 225, 226, 227

Discurso 36, 39, 50, 52, 62, 64, 66, 75, 76, 77, 83, 87, 88, 89, 90, 99, 100, 101, 102, 108, 109, 121, 142, 143, 150, 151, 152, 206, 208

E

Ensino 51, 62, 63, 110, 111, 224

Exploração 179, 183, 189, 191, 192

L

Língua 28, 29, 50, 75, 224

Linguagem 24, 35, 50, 51, 75, 99, 151, 164, 206, 224

Literatura 88, 111, 118, 119, 121, 123, 125, 224

M

Machismo 165, 167, 171, 172, 173, 174, 175

Max Weber 7, 1, 2, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15

Mídia 36, 66, 76, 82, 87, 100

Mulher 72, 177

N

Nacionalidade 128

S

Sociologia 2, 5, 1, 3, 4, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 127, 222, 224, 225, 226, 227

T

Tradução 12, 21, 23, 35, 75, 99, 150, 151, 152, 206, 207

V

Violência 166, 177, 178

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-535-8



9 788572 475358